



***O PAGADOR DE PROMESSAS E O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-
BATA: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS***

Erenil Oliveira Magalhães (Unemat)¹

RESUMO: Este artigo analisa o modo como a promessa pode configurar-se elemento trágico na peça *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, e no conto *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, de Mia Couto. Em Dias Gomes, à personagem Zé do Burro é negado o direito de honrar a sua dívida com uma santa. No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida por parte de uma das personagens faz-nos pensar em tudo que é negado ao povo moçambicano no período da pós-independência, daí emergindo o elemento trágico. Um estudo comparado entre essas duas obras pode traduzir sua força literária e política e elucidar traços das duas culturas de que emanam.


Palavras-chave: Promessa. Trágico. *O pagador de promessas*. *O dia em que explodiu Mabata-Bata*. Literatura comparada.

Este artigo pretende analisar como a promessa pode configurar-se de forma trágica, embora com conotações diversas, na peça teatral *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, e no conto *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, de Mia Couto. Se, por um lado, na peça de Dias Gomes, o protagonista Zé do Burro quer a qualquer preço pagar a promessa por realmente acreditar no poder e na força que ela tem e por isso tem a convicção que ela deve ser cumprida, por outro lado, no conto de Mia Couto, o tio do menino Azarias utiliza-se do juramento para tirar proveito disso, sem nenhuma intenção de cumprir o acordo estabelecido - a intenção real era a de se dar bem diante da situação. Assim, buscaremos mostrar como se dá a constituição do trágico nas referidas obras, por meio do tópico da promessa e de diferentes conotações, relacionando-as a aspectos da Literatura Comparada.

A promessa é um instrumento utilizado para se obter algum tipo de benefício, ou seja, a partir dela espera-se uma recompensa. Ela é manifestada pela vontade e pelo desejo das pessoas que declaram algo em troca ou em virtude daquilo que foi recebido. As promessas são expressões que comprometem o falante com o cumprimento de algo por meio de uma jura, de uma combinação ou de outros meios.

Historicamente, as primeiras promessas de que se tem conhecimento são as bíblicas - promessas do livramento, promessas de proteção, promessas de futuro,

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-Unemat. Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil, 78300-000. E-mail: eremagalhaes@hotmail.com.



promessas do impossível, promessa da terra prometida, etc. Todas elas eram promessas de resposta às orações dos fiéis e possuíam um significado mais profundo, ou seja, por meio delas, se acreditava poder receber a graça pretendida, se fossem seguidos os mandamentos que elas regiam. Com as promessas, Deus selava uma aliança com aquele que cumpria o estabelecido no pacto. Uma premissa importante era a de que as promessas não eram retratáveis ou passíveis de alterações; eram antes apresentadas como princípios de verdades absolutas, inquestionáveis e sem nenhuma possibilidade de serem modificadas. Na Bíblia, tem-se como convicção que outros podem fazer juramentos e se esquecerem deles; mas, se Deus promete, Ele cumpre. O livro de Hebreus anuncia que Deus deu tanto a sua promessa, como seu juramento². A escritura ainda diz que “quem fez a promessa é fiel”³.

Hoje, a prática da promessa é ainda muito comum. Persistem, por exemplo, as promessas aos santos, que também não podem ser revogadas por figurarem no âmbito do sagrado. Nelas, existe o medo de que, se não for cumprida, poderá recair sobre o fiel o peso de ter que arcar com todos os infortúnios advindos desse comportamento disruptivo. Em contrapartida, há promessas nas quais quase não existe a menor intenção de serem cumpridas. Aqui, podemos mencionar, entre outras, os juramentos dos políticos em geral, que acabam não colocando em prática o que afirmam em seus discursos.


Esta análise irá valer-se de conceitos relacionados ao campo da Literatura Comparada, que pode ser compreendida como o estudo da literatura para além das fronteiras de um país particular.

A promessa e o sagrado

Em *O Pagador de Promessas*, por meio de um protagonismo trágico, o herói da peça tem um único e inabalável desígnio: o de honrar uma promessa. A peça de Dias Gomes trata também da miscigenação religiosa brasileira e apresenta a sincera ingenuidade da devoção do povo, que se opõe a uma burocratização imposta pelo

²“Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta.” (BÍBLIA, 6:18).

³“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu.” (BÍBLIA SAGRADA, 10:23).



próprio sistema. Na peça, um homem simples do campo deseja cumprir a promessa feita a Santa Bárbara, após ter seu burro curado. O que deveria ser um simples ato de fé toma proporções gigantescas quando a personagem principal, Zé, é barrada pelo vigário local, que o impede de entrar na igreja carregando a cruz que havia prometido.


Na configuração da obra, pagar uma promessa feita ao divino, para o homem simples, é uma dívida que precisa de quitação. A palavra empenhada tem, assim, grande peso. A peça flagra que para maioria das pessoas, nos tempos atuais, isso não é o mais comum, visto que muitos não cumprem o que prometem e veem a promessa como um mero acordo que pode ser mudado a qualquer momento. Pelo contrário, para a personagem Zé do Burro, a palavra é o que o diferencia dos animais, é o que o aproxima de Deus. Já que fora Deus que salvara a vida de seu companheiro, fora Ele que cumprira o acordo. Assim, configuravam-se as circunstâncias para que a dívida fosse quitada.

Quanto ao conto de Mia Couto, a personagem Azarias, um menino órfão e sem maiores atributos, estava incumbido de cuidar dos bois da fazenda do seu tio Raul. Por esse trabalho, nada recebia em troca e permanecia, então, nessa fazenda sem outras perspectivas de vida. Por não ter nenhuma instrução, conforme sugere o conto, o maior sonho do garoto era frequentar uma escola.

O boi Mabata-bata era um dos maiores animais de que Azarias cuidava, além de ser um boi muito valioso para o dono. O drama do menino iniciou-se quando, determinado dia, após Azarias madrugar na lida, esse boi foi atingido pela explosão de uma mina, que era denominada por Azarias de *ndlati*, a “ave do relâmpago”. Como podemos ler nesse trecho do conto, “a morada de *ndlati* era ali, onde se juntam os rios para nascerem da mesma vontade da água” (p. 42)⁴.

Num primeiro momento, o jovem atribuiu a explosão do boi ao divino, ao místico. O divino não aparece na promessa, mas pode ser visto como uma forma de libertação e, mesmo que amiúde, motiva a esperança para a justiça ser um pouco mais igual, o que se reflete no desejo de um dia frequentar a escola como tantos outros que têm seu direito. São os deuses que decidem quem irão levar, seja por justiça ou apenas por seguirem suas próprias escolhas.

Azarias, após o ocorrido e por saber o que poderia ainda vir a acontecer com ele, temia: “o medo escorregou dos olhos do pequeno pastor” (p. 42). Para a personagem,




era terrível pensar que seria repreendido pelo tio. Azarias estava num campo minado, onde tudo poderia explodir ao seu lado, mas ele se colocava na posição de submissão a esse sistema, cultivando hábitos próprios do processo de colonização. A simbologia presente aqui é bem característica da escrita de Mia Couto. Segundo Abdala (2012, p. 32), “nas mitologias do homem do campo de Moçambique, [...] há ecos do realismo mágico latino-americano (agenciamentos culturais entre as Américas, África e Europa)”.

Nas obras analisadas, podemos verificar que o aspecto trágico se constrói a partir da simplicidade das personagens. Azarias vê na promessa do tio a única esperança para ter seus sonhos realizados. Assim, sua vontade ganharia contornos reais e ele poderia sair daquele mundo. O menino via na escola uma salvação possível, embora, em alguns momentos, não enxergasse saída.

Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com animais, nadar o rio na boleia do rabo de Mabata-bata, apostar brigas do mais forte. (p. 43).

É como se os povos que realmente constituíssem uma nação fossem invisíveis aos olhos daquele que detêm o poder. Podemos inferir que a promessa proferida a Azarias é suspeita e duvidosa, pois o tio não via o sobrinho como ser humano ou como alguém auspicioso; pelo contrário: ele resumia a vida do garoto a servir à fazenda. Para o tio, Azarias não tinha que sonhar com um futuro melhor, a quem já estava predestinado um outro desfecho: “este, da maneira que vive misturado com a criação há de se casar com uma vaca” (p. 43). O menino estava, pois, condenado a ficar naquela fazenda, sem direito a sonhar. Assim como o tio, as demais personagens não se importavam com Azarias e jamais fariam alguma coisa para melhorar a situação do garoto: “e todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados” (p. 43). Esse trecho decalca bem a postura dominado/dominante. Conforme afirma Said (1995, p. 22-23), no discurso literário, é perceptível, como parte da relação entre cultura e império, o poder que se estabelece.

Azarias buscava um caminho, uma saída de libertação. A fuga seria sua única alternativa, que para ele traduzia-se em tristeza: “partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: apenas a começar o seu caminho” (p. 43). A travessia do rio separava os dois espaços, um de sofrimento, o outro de esperança. O menino não sabia ao certo o que o esperava, mas empreendia uma tentativa “na outra margem parou à espera nem sabia de quê” (p. 43). Vivenciava, assim, um conflito interno, o de ousar ou de se




manter ali, estagnado naquele lugar. Pode-se afirmar, de acordo com Abdala (2012, p.43), que esse protagonista representa uma realidade histórica, “impregnações ideológicas do processo de colonização no cotidiano que atualiza estruturalmente determinados mecanismos de pensamento e ação”.

Por detrás do discurso do tio, havia uma promessa que, com toda certeza, não se concretizaria. O pensamento era um só: ter o controle sobre o sobrinho, postura que caracterizava bem sua posição diante da situação. “Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar. [...]. Esse sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espalhados por aí?” (p. 44). O ambiente como um todo pode ser remetido a um campo minado, que a qualquer hora pode explodir. Nesse contexto, a avó do garoto entra com a clara missão de administrar a diferença entre tio e sobrinho. Fica subentendido que a intenção não era ajudar o neto e, sim, dominá-lo, fazê-lo aceitar o que a ele era imposto. Manifesta-se, nesse ponto, portanto, a tolerância da exclusão.

O primeiro impulso do tio quando encontra Azarias é o de se colocar na posição de superioridade. Mas, quando vê que, daquela vez, tal atitude não funcionaria, ele abre a guarda provisoriamente e, como forma de convencer o sobrinho a retornar e a dar explicações do que tinha acontecido, apela para a saída da promessa: “apareça lá; não tenhas medo. Não vou bater” (p. 45). Contudo, essas eram promessas vãs. Como afirma o narrador, “jurava mentiras. Não ia bater, ia matar-lhe de porradas, quando acabasse de juntar os bois” (p. 45).

Para que Azarias ouvisse o chamado do tio, a avó aparece para intermediar a conversa e se colocava a favor do tio Raul, com o intuito de fazer com que o neto acreditasse na falsa promessa, logrando uma aceitação. A intenção era administrar a diferença para então dominar, como podemos perceber neste trecho: “o Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há de ouvir. Aplicou de confiança chamando o pastor” (p. 45).

Azarias expressa medo e temor diante do tio: “Não quero, vou fugir” (p. 45). Vê-se, assim, sem saídas diante da situação: “tinha certeza de não saber aonde ia, lugar nenhum. E no fundo não acreditava que voltando para casa as coisas fossem diferentes” (p. 45). Raul ainda dizia: “esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie até partir-se dos bocados (p.45)”, ou seja, a intenção era punir severamente o garoto.



Na falta de uma saída melhor, o acordo entre os homens é o que resta ao jovem. Acordo que, mesmo sabendo que não seria cumprido, gera uma esperança, um fôlego a mais para enfrentar o sofrimento e a luta diária: sair da punição e ainda ter a possibilidade de ser tratado como um igual. Conforme já adiantado, essa situação é negociada pela necessidade de fazer o garoto voltar às suas obrigações de pastor e ao seu mundo de obediência e sofrimento.


Obstáculos e luta para concretização da promessa

Existem obstáculos, mas também intermediação, para os acordos e as promessas. As intermediações são intervenções que procuram fornecer uma resolução mais amena às situações conflituosas. No conto de Mia Couto, a presença e a interferência da avó, era sempre no sentido de administrar a situação, como é possível perceber neste trecho: “cala-te Raul. Na tua vida nem sabes da miséria. [...] direciona ao neto: Anda meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda a ajudar o teu tio juntar os animais” (p. 45). O papel da avó era, assim, preponderante para que o neto continuasse a ser explorado pelo tio. De fato, a preocupação constante era conseguir o controle sobre Azarias e, assim, a avó persegue seu objetivo e faz novas tentativas: “o teu tio está muito satisfeito. Escolhe, há de respeitar o seu pedido” (p. 46). A ideia da promessa toma forma.

A promessa do tio a Azarias poderia ser a solução para o impasse; o garoto poderia mudar sua vida para melhor, e o tio tinha então um pretexto mentiroso para lograr o que queria, pois poderia simplesmente não cumprir o pacto, sem nenhuma preocupação. Como a personagem de Raul não tinha outra saída,

achou melhor concordar com tudo naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam às obrigações do serviço das pastagens, por um momento acreditou que o menino estaria com os bois, com ele. (p. 46).

Assim, o tio opta por aquilo que era mais conveniente naquele momento. Como estava anunciada, a verdadeira intenção da avó era conquistar a confiança do neto. Ela sentia-se vitoriosa e confiante por ter conseguido convencê-lo. Então, fala da promessa do tio e diz ao neto que ele poderia escolher o seu prêmio: “o teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há de respeitar o seu pedido” (p. 46). Por trás de tal atitude, pode-se



vislumbrar a perversidade de Raul, que usa dessa artimanha para atizar o desejo mais íntimo do sobrinho, a imensa vontade de frequentar uma escola, como os demais meninos do lugarejo.


A intenção de fuga por parte de Azarias ocorria porque o menino não tinha entendido nada do que tinha se passado com o boi e foi logo se culpando por situações corriqueiras. Por isso, resolveu fugir em vez de ser culpado injustamente, já que não poderia justificar tamanha monstruosidade. Fugindo, poderia ter a chance de reconstruir sua vida. A certo momento, ao ouvir a voz da avó, o menino pensa ser *ndlati*, a ave do relâmpago chamando, mas logo percebe que não era isso. Tinha a sensação do mundo se abrindo para ele naquele exato momento,

não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo se fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos. (p. 47).

No conto, percebe-se a vontade da personagem de sair do anonimato e a escola representava a possibilidade para ultrapassar essa barreira, a única forma para transpor as cercas que o prendiam naquele lugar. Ela seria a luz no fim do túnel, uma tentativa de ruptura, apesar de um sentimento muito maior de fracasso e de falecimento das forças. Por outro lado, o conto parece dizer ao leitor que as utopias são necessárias e, se não as temos, estamos condenados a ficar presos e submissos a tudo que nos impede de sair de uma determinada situação que nos é apresentada. A todo o momento, o ser humano é testado e desafiado e a sua tendência é harmonizar-se com aquilo que está posto. Assim, acabamos por vivenciar uma situação trágica, não assumimos uma postura e fugimos dos enfrentamentos e conflitos.

Por sua vez, Em *O Pagador de Promessas*, percebe-se o quanto a promessa a Deus, por intermédio de uma santa do Candomblé, é interpretada como uma afronta às regras dos homens, algo que precisa ser estancado. Os homens criam leis próprias, mesmo depois de feitos acordos, agindo, assim, segundo as suas vontades. Por essa razão, um ato, por mais simples que seja, configura-se como um afrontamento, a precipitação de uma revolta que precisa ser eliminada. O domínio por meio das palavras determina o que é justo e o que é de direito.

Quanto ao outro que se sente como devedor, ele precisa honrar o compromisso feito e, para isso, necessita de permissão das autoridades para realizar o acordo




que fizera com Deus. Ora, tal intermediação não se dá por uma questão de justiça e, sim, pelo interesse de julgar quem é merecedor, quem é, segundo seus próprios critérios, adequado ou não para adentrar a igreja. São como juízes das promessas feitas pelos outros, intermediando os acontecimentos com a autoridade imposta aos homens, sem levar em consideração o diferente, apenas com objetivo central de se manter o poder. Nesse jogo, servem-se dos carrascos que, em suma, protegem algo que não precisam entender. Precisam apenas cumprir as ordens daqueles que mantêm em seus discursos o poder e as normas mais apropriadas para cada situação, para cada devedor.

Promessas e tragédias

No conto de Mia Couto, a promessa pode ser percebida, também, como um último recurso, um alívio que pode ser efetivado por meio daquele que tem mais poder. Quando o menino Azarias a exige do tio, faz mais do que um acordo; faz um pacto que visa ao alívio de seu sofrimento, mesmo que continue a pastorear quando não estiver na escola. A palavra do homem pode não ser confiável, mas a força dela aprisiona, assim como também pode ser uma saída para a libertação. Neste caso concreto, o pacto não se estabelece por uma iniciativa pura e livre, e, sim, por uma necessidade libertária, por falta de possibilidades de fugir da punição ou da própria vida.

Por não ter mais escolhas, Azarias aceita pretende um acordo, uma promessa do tio. Da mesma forma, Zé do Burro também faz um acordo e tem a sua parcela de dívida com aquele que cumpriu o acordo de salvar o seu companheiro, o burro. Diante disso, deve-se cumprir o juramento, haja vista que uma parte já cumprira o acordo, sem medir as consequências ou a distância. A palavra empenhada é dívida que precisa ser paga, mesmo sabendo-se que muitos usam da esperteza e não cumprem aquilo que prometem. Zé tinha uma dívida que precisava ser paga, mesmo que o caminho para esse cumprimento o direcionasse ao trágico, ao confronto que os homens colocam como obstáculos, ou mesmo, talvez, a juros acrescidos à sua dívida. Quanto ao jovem Azarias, talvez por uma inocência ou mesmo desejo extremo, ele acreditava que o tio cumpriria a sua fala, mesmo sabendo que as palavras daquele e de muitos outros homens não têm a garantias de validade.




Nos dias atuais, a promessa caminha-se para o trágico, quando o cumprimento dela se transforma em encerramento e na morte figurada do devedor - ou mesmo daquele que espera que ela seja uma luz de esperança em um mundo onde esperar por um futuro sem libertação se tornou uma constante. Criam-se fins trágicos, não porque possuem em si vidas e sonhos, mas porque talvez o sofrimento das vidas das personagens já configura um fim mesmo durante o seu existir. O fim já está anunciado durante o viver das personagens. Assim, cada uma delas busca na promessa divina ou humana um alívio de seu sofrimento, que começa mesmo antes das catástrofes e da calamidade dos acontecimentos que colocam outros rumos em suas vidas. A dívida é difícil de ser paga quando os homens mudam as moedas de troca.

Ao relacionar aspectos do trágico nas obras em pauta, percebemos que elas suscitam questões que nos angustiam e às quais buscamos respostas. Pode-se, então, aventar uma explicação sociológica: o ambiente externo pode influenciar no interno, constituindo-se parte integrante do núcleo da ação dramática. Por meio dos estudos literários, podemos promover reflexões que contribuem para a formação e o entendimento do ser humano, que, no dizer de Candido (2011, p. 177), funciona como “um equipamento intelectual efetivo” e traz à tona “os valores que a sociedade preconiza, ou que os consideram prejudiciais”. É na tomada de consciência da realidade que nos é apresentada que podemos vislumbrar possibilidades de sair da relação de dependência, avançando no processo de libertação das imposições externas.

Azarias representa a promessa que não se cumpre nas mais diferentes situações do processo de interlocução – ou, em outra formulação, em um mundo de falsas promessas. Já com a personagem Zé do Burro, o não cumprimento se dá por toda uma incompreensão do mundo moderno, que se traduz na falta de diálogo com as diferenças e a desconsideração das influências do processo de miscigenação que nega o que é marca característica do povo brasileiro.

Espera-se cumprimento, por parte daquele que profere uma promessa. Ao pronunciarmos determinadas palavras, assumimos as mais diferentes posições, dependendo dos interesses advindos dessa ação. Em Zé, é claro o desejo, a intenção de cumprir; já em Raul, é perceptível o lado esquivo do seu discurso, colocando-se na posição do dominante. Assim, o trágico desenha-se, nesses textos, à medida que o discurso da promessa se apresenta como uma constante luta para sua concretização.




Na obra de Dias Gomes, por parte daquele que busca cumprir o empenho, por acreditar em certos princípios religiosos como forma de resgate de sua totalidade. No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida desvela o lado cruel do discurso, a intenção tão somente de dominar, anular o outro, tirar proveito, levar à submissão.

Na maioria das vezes, sofremos com os reflexos de todo um processo de colonização e, ao nos colocarmos em relação ao outro, adotamos a postura de dominado, estabelecendo relações hegemônicas e não nos constituindo como sujeitos. Assim, Azarias pode representar uma forma de combate às ideias imperialistas. Mia Couto apresenta o sujeito que vive em espaços opressores, que não se encontra neles, mas acredita que tudo pode melhorar. Por meio da personagem principal do conto, o autor deixa suas marcas implícitas, a representação de várias identidades. Somos múltiplos, não estamos isolados num canto do mundo e isso nos possibilita uma análise do contexto social. Para Sandra Nitrini (1997), Antonio Candido pode ser considerado o principal exemplo comparatista dialético apropriado à leitura da literatura brasileira, contribuindo tanto para a definição do campo teórico no nosso país, como para reorganizar algumas bases do comparatismo mundial.

Por meio da literatura, podemos pensar esses espaços opressores e quais as relações que estabelecemos com o mundo. Independentemente de onde a obra é produzida, há pontos de reflexão que são convergentes. Há laços situacionais que nos aproximam e não podemos negar blocos enunciativos e articulações nacionais. Dessa forma, percebe-se que a realidade, seja ela Moçambique, Brasil, possui pontos confluentes.

Dias Gomes, com sua obra, denuncia um processo de exclusão das diferenças e o egocentrismo arraigado em relação à cultura do outro; Mia Couto, por sua vez, discute os conflitos do seu lugar na relação dominante *vs.* dominado. De diferentes lócus enunciativos, acessamos o mundo e estabelecemos relações com ele, o que suscita questões que podem representar contextos e realidades diferentes. Os autores não falam de forma isolada, suas vozes emitem ecos que nos permite pensar outras situações, outros lugares. Uma obra não pertence e não simboliza apenas o lugar onde ela foi produzida, porque, por meio da literatura, estabelecemos redes de comunicação.

Mia Couto, por meio do conto, apresenta uma contestação ao processo de colonização, sobretudo ao pós-colonialismo no contexto moçambicano. Dias Gomes



questiona a realidade brasileira e suscita a problemática da cultura marginalizada. Da mesma forma, Abdala, ao analisar os romances de Graciliano Ramos, afirma que o autor, por meio de suas obras, suscita problemáticas de atores sociais e ainda:


que eles se organizam em torno da aspiração do escritor por associar ficção a um processo histórico mais amplo. Sua aspiração pode ser situada como uma inclinação de sua potencialidade subjetiva, uma possibilidade que procura configurar como objetiva, um impulso que se projeta em seus horizontes de expectativas. O processo histórico em que se manifesta o sujeito, como se depreendem do conjunto de sua obra, vincula-se a uma práxis social que escapa às determinações individuais, mas também pode ser visto como uma rede supraindividual, que tem suas malhas definidas por múltiplos campos de conhecimento e circunscrições de práticas sociais. Não procura o escritor um sentido de totalidade enquanto um sistema fechado, mas como conglomerados de tensas redes de articulações mais gerais. Do individual ao social, redes e processos em interações associadas a contextos situacionais, em que configurações relações hegemônicas que se debatem com tendências contra-hegemônicas. (ABDALA, 2012, p.125-126).

Conclusão

As circunstâncias expostas nas obras aqui tratadas possibilitam uma reflexão sobre as relações de poder, frutos do processo de modernidade, que aliena os indivíduos e camufla realidades, acentuando tragicamente a condição do sujeito em determinados lugares.

De fato, o mundo moderno capitalista faz com que os seres humanos fiquem sem perspectivas e sem meios para sair de uma situação subalterna, pois eles estão tão envolvidos no processo e, como tal, nem se dão conta de sua verdadeira posição diante de determinados contextos. Podemos listar os outros personagens de *O Pagador de Promessas* presos a esse mundo, que os devora na medida em que não conseguem extrapolar a realidade que se lhes apresenta. De certa forma, Zé do Burro e Azarias compõem o cenário das personagens emparedadas e sem perceptivas futuras.

A promessa da escola faz com que Azarias vislumbre, mesmo que distante, uma possibilidade de saída para sua vida, mas, como isso estava somente no plano do discurso do tio, tal promessa fica no plano dos sonhos do menino. O conto é bastante metafórico: a escola, assim como a travessia para o outro lado do rio, poderia significar a liberdade, um abrir de horizontes, que tiraria o garoto da ignorância.



No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida por parte de Raul nos faz pensar tragicamente em tudo que é negado ao povo moçambicano no momento histórico do pós-independência. Azarias seria a voz que ressurge das cinzas, que poderia fazer com que ficassem para trás resquícios de subordinação na relação entre colonizado e colonizador, que marca as relações de poder. Ele pode representar o desejo de muitos outros Azarias, um sonho que quase sempre acaba frustrado. Em Dias Gomes, à personagem Zé do Burro também é negado o direito de honrar com seu propósito e a dívida com a santa, de acordo com seus princípios religiosos, herança da formação do povo brasileiro. Reproduzimos de forma condicionada aspectos de uma estrutura sociocultural. Conforme afirma Abdala (2012, p. 127), “a hegemonia (e com elas suas formas mentis dominantes) é sempre porosa, tanto no mundo da economia, da sociedade e da política, como no da vida cultural”. Em sua análise da personagem Paulo Honório, de Graciliano Ramos, o autor (2012, p. 127) ainda acrescenta: “nada poderia ser diferente – modos de articulação dominantes – que levam atores sociais que dele participam a práticas convencionais, determinadas, que, os encarceram”. Assim, nas obras analisadas neste artigo, podemos afirmar que os personagens protagonistas representam outros atores da realidade, em diferentes contextos da sociedade.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. *Literatura comparada e relações comunitárias hoje*. São Paulo: Ateliê, 2012.

BÍBLIA, Português. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/hb>>. Acesso em 19 set. 2016.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

COUTO, Mia. *Vozes anoitecidas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MATA, Inocência da. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. *1616: Anuario de Literatura Comparada*, 3 (2013), p.103-118.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.